

O'LEARY, J. E. *El mariscal Solano López*. 3. ed. Asunción: Casa America, 1970.

ORDENS DO DIA. Exército em operações na República do Paraguai. Sob o comando em chefe de todas as forças, de sua alteza o senhor príncipe marechal do Exército Luiz Felipe Fernando Gastão de Orleans, Conde d'Eu. Compreendendo as 1 a 47. 1869 a 1870. Re-impressa por ordem do Governo. Rio de Janeiro: Francisco Alves de Souza, 1877.

REBOUÇAS, A. *Diário da guerra do Paraguai (1866)*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiro, 1973.

SALLES, R. *A Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

SILVA, J. L. R. *Recordações da campanha do Paraguai*. São Paulo: Melhoramentos, 1924.

TAUNAY, A. E. [Visconde de]. *A retirada da Laguna*. Rio de Janeiro: Garnier, [s.d.].a.

TAUNAY, A. E. [Visconde de]. *Memórias*. São Paulo: Melhoramentos, [s.d.].b.

TAUNAY, A. E. [Visconde de]. *Diário do exército, campanha do Paraguai (1869-1870)*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2002.

TAUNAY, A. E. [Visconde de]. *Recordações de guerra e de viagem*. Brasília: Senado Federal, 2008.

THOMPSON, G. *La guerra del Paraguay*. Asunción: Servilibro, 2010.

TORAL, A. *Imagens em desordem*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

VERSEN, M. *História da Guerra do Paraguai*. Belo Horizonte: Itálica, São Paulo, Edusp, 1986.

WHITE, R. A. *La primera revolución popular en América: Paraguay: 1810-1840*. Asunción: Carlos Schauman, 1986.

* **Doutor em História pela UCL, Bélgica. Professor do Programa de Pós-Graduação da Universidade de Passo Fundo/RS. e-mail: maestri@via-rs.net**

GRAMSCI, CLAUSEWITZ, GUERRA E POLÍTICA Rodrigo Duarte Fernandes dos Passos*

Resumo: o objetivo do texto é esboçar uma resposta às seguintes questões: Qual a relação entre guerra e política no pensamento de Antonio Gramsci? Como relacionar guerra e política em Gramsci às teses sobre tais temas do general prussiano Carl Von Clausewitz? A hipótese central que orienta o raciocínio do artigo sustenta que a abordagem da guerra como metáfora da política - ponto predominante na abordagem da guerra no pensamento de Gramsci - tem sentido muito mais amplo do que a guerra no sentido de um conflito interestatal, conceito trabalhado por Clausewitz. Em que pese a conexão da guerra com a política em ambos os autores, o conflito interestatal se coloca predominantemente no sentido clausewitziano e o sentido mais amplo de guerra como política na abordagem gramsciana.

Palavras-chave: Gramsci. Guerra. Política.

Abstract: the aim of this text is to draft an answer to the following questions: What is the relationship between war and politics in Antonio Gramsci's thought? How is it possible to make a relationship of war and politics according to Gramsci with Prussian general Carl von Clausewitz's same themes? The main hypothesis of this article points to understand that war as a metaphor of politics approach - predominant point in Gramsci's approach of war - has a broader meaning that war as an interstate conflict, which is Clausewitz's concept. Although the war is connected with politics in both authors, interstate conflict has a stronger emphasis in clausewitzian sense and a wider sense of war as politics is found in gramscian approach.

Key-words: Gramsci. War. Politics.

1 Introdução

O objetivo deste texto é esboçar uma resposta às seguintes questões: Qual a relação entre guerra e política no pensamento de Antonio Gramsci? Como relacionar guerra e política em Gramsci às teses sobre tais temas do general prussiano Carl Von Clausewitz (1780-1831)?

Não se tem a pretensão de fazer uma abordagem eclética em que se justaponha ou confunda autores com sistemas teóricos, fontes e contextos históricos absolutamente distintos. O objetivo é iniciar uma reflexão sobre eventuais

relações entre ambos no que refere ao tema da guerra e da política.¹ Mesmo frisando tais diferenças, há pequenas coincidências na trajetória e legado intelectual de ambos.

Gramsci e Clausewitz tiveram o cativeiro como momento significativo de suas vidas. O primeiro, prisioneiro do fascismo italiano, redigiu a maior parte de sua obra nas precárias condições do confinamento ao qual foi relegado nos últimos anos de sua vida. As suas cartas e cadernos carcerários são o ponto alto de seu *opus*. O segundo foi

prisioneiro entre 1806 e 1808, na França e na Suíça, na condição de ajudante de campo do príncipe herdeiro Augusto da Prússia durante parte das guerras napoleônicas. Essa foi uma experiência na qual Clausewitz tomou contato com todo um universo intelectual que marcaria a elaboração de sua obra. O conhecimento de obras de autores como Montesquieu fez parte dessa experiência. Ressalve-se que sua experiência como prisioneiro foi confortável (ARON, 1986b), ao contrário daquela de Gramsci.

Ambos tiveram doenças nervosas em suas respectivas trajetórias (ARON, 1986b; FIORI, 1979).

Os dois viveram partes importantes de suas vidas na Rússia. Gramsci como dirigente e representante do Partido Comunista da Itália junto à Internacional Comunista na terra da revolução liderada pelos bolcheviques. Clausewitz renunciou à sua patente como oficial no exército prussiano por não aceitar a submissão de seu país à França, vitoriosa no campo de batalha; emigrou para a Rússia, onde se tornou oficial do exército para a luta contra o *Grand Armée* e tomou parte na campanha vitoriosa de 1812 e 1813 da coalizão antinapoleônica; foi readmitido no exército prussiano em 1814.

O comunista italiano e o general prussiano tencionavam revisões mais abrangentes em suas últimas obras, respectivamente: “Quaderni del carcere” (GRAMSCI, 1975) e “Vom Kriege” (CLAUSEWITZ, 1984).² Eles reescreveram limitadamente trechos das obras. Gramsci legou os textos que Valentino Gerratana classificou como textos “C”, textos reescritos com alterações ou não em relação a textos de primeira redação classificados pelo pesquisador italiano como textos “A”. Clausewitz deu como pronto e revisado o capítulo 1 do livro I de *Da guerra* e apontou esse trecho como referência para toda a reelaboração de seu tratado, tomando por base duas ideias centrais: a conexão da guerra com a política e as guerras de tipo real e absoluto. Ambos não sobreviveram para as reformulações de maior escopo. A publicação de ambas as obras também foi póstuma. Suas obras mencionadas foram apropriadas e reivindicadas por diferentes interpretações e tradições teóricas e intelectuais, algumas bastante excludentes entre si. As obras em questão foram mutiladas, seja em edições incompletas ou antologias, e tiveram boa parte de seu significado distorcido.

É sabido que são diversas as apropriações fora

de contexto ou compartimentalizadas do legado de Gramsci, nas mais diferentes perspectivas: culturalista, nacionalista, populista, liberal, populista, eurocomunista, stalinista, pós-moderna, social-democrata.

Clausewitz foi apresentado de diferentes formas; algumas delas serão resumidas. Entre elas, ele foi visto como o “profeta do morticínio e da destruição” da Primeira Guerra Mundial, como será abordado adiante. Toda uma tradição de historiadores militares legou de alguma forma essa perspectiva.³ Contudo, diferentes apropriações não tiveram tal tratamento depreciativo e buscaram inseri-lo em seu projeto intelectual de alguma maneira. Referências a Clausewitz por parte de Marx, Engels e alusões às batalhas, guerras de classes em suas obras já sugerem, ainda que vagamente, uma afinidade entre guerra e política.

A especial atenção dedicada a Clausewitz por Lenin (1979) e Trotsky (1977) e o uso dos raciocínios do general prussiano de modo mais explícito pelos líderes revolucionários bolcheviques reforçaram essa temática no âmbito do marxismo.⁴ Lenin vinculou-o a Hegel nas suas formulações. Outros autores marxistas, como Henri Lefebvre (1968, 1975, 1977) e Pierre Naville (1955), também exploraram o contato de Clausewitz com o pensamento de Hegel, bem como o estudo de sua obra e as menções ao general prussiano por Marx a ela.

Em outra perspectiva, Carl Schmitt (1992) avaliou a formulação de guerra como continuação da política de forma violenta do general prussiano como suporte à tensão especificamente política manifestada pela confrontação concreta amigo-inimigo e a conseqüente eliminação física do inimigo público. Hitler (apud RYBACK, 2009) transformou a política em arte e luta de guerra e em sua forma mais refinada, aquela pela vida do povo alemão, e costumava citar tal ideia antecedida pela formulação clausewitziana sobre a guerra como política com o uso da força. Raymond Aron apropriou-se de Clausewitz fazendo de sua concepção de política pacífica e violenta (como guerra), ponto central para caracterizar sua categoria de conduta diplomático-estratégica como política externa dos Estados; também repeliu o eventual vínculo intelectual com Hegel, buscando ligá-lo principalmente ao pioneirismo sociológico de Montesquieu, autor bastante influente sobre o general prussiano (ARON, 1986a, 1986b).

Clausewitz foi um autor vulgarizado a partir do momento de que teria sido supostamente a base

vitoriosa da doutrina militar prussiana vitoriosa na guerra franco-prussiana. O então chefe do Estado-Maior prussiano, Helmut von Moltke, deu ao pensamento de Clausewitz o crédito doutrinário de seu plano bem-sucedido em campo de batalha. A partir de então, uma deformação de seu pensamento figurou como base das doutrinas de emprego militar na Primeira Guerra Mundial. O ataque frontal sem manobra às fortificadíssimas trincheiras seria, segundo essa simplificação, um ponto central da formulação clausewitziana.⁵ Essa orientação gerou um gigantesco custo em vidas. Simplificação semelhante acompanha recentes edições de “Da guerra”. Um dos pontos que resume em tais edições e na Primeira Guerra a distorção de seu pensamento seria a ideia da superioridade do ataque sobre a defesa. Muitas edições mutiladas de “Da guerra” omitem justamente o livro VI, que aborda exatamente o contrário: a superioridade da defesa sobre o ataque.⁶

Por fim e mais importante, Gramsci e Clausewitz trataram da relação entre guerra e política. Não há no tratado sobre a guerra de Clausewitz uma abordagem sistemática sobre a política, ao passo que Gramsci, no todo do seu *opus* carcerário, tem uma elaboração também não sistemática sobre os vários temas tratados. Contudo, Gramsci fez da política a principal preocupação de sua *opera* carcerária.

Gramsci vê a política como mais complexa que a guerra; entende pontos comuns à arte política e à arte militar; e sublinha em sua obra carcerária a unidade entre as funções técnico-militares e a política. Clausewitz vê a guerra como parte da política e uma extensão desta com o aditivo dos meios violentos. Jamais a guerra pode ser divorciada da política. Mesmo quando há uma manifestação extrema da violência - a guerra absoluta, ponto aceitável apenas logicamente -, coloca-se como conceito ligado ao fenômeno bélico.

A tese a ser apresentada e esboçada nesse texto - a guerra como metáfora da política; ponto predominante na abordagem da guerra no pensamento de Gramsci - tem sentido muito mais amplo do que a guerra no sentido de um conflito interestatal, conceito trabalhado por Clausewitz. Em que pese a conexão da guerra com a política em ambos os autores, o conflito interestatal coloca-se predominantemente no sentido clausewitziano e o sentido mais amplo de guerra como política na abordagem gramsciana.

Neste artigo, o “teatro de operações” será apresentado; percorre um resumo da relação entre guerra e política na formulação clausewitziana de “Da guerra”; posteriormente, uma breve análise do contato indireto da obra de Gramsci com o general prussiano. Em seguida, um esboço da temática nos “Cadernos do cárcere”. Por fim, uma conclusão que resume e aponta os principais pontos em comum entre ambos, além de possibilidades investigativas futuras.

2 A política como o embrião da guerra conforme Clausewitz

Conforme o feliz comentário de Henri Lefebvre, é possível caracterizar a perspectiva de política de Clausewitz tomando por base o entendimento de que não há continuidade nem descontinuidade absoluta no que toca à manifestação da violência (quando se trata, por exemplo, da guerra) e dos meios pacíficos (tomando como exemplificação o recurso à diplomacia). A guerra e a diplomacia são ações políticas muito distintas entre si. Ao mesmo tempo, possuem semelhanças ao terem em comum a política configurando uma relação dialética entre ações pacíficas e ações violentas (LEFEBVRE, 1975). O ponto em comum entre a diplomacia e a guerra é a sua lógica política. A guerra como política acontece através de batalhas e a diplomacia como troca de notas entre os Estados (CLAUSEWITZ, 1984).

A violência é seu meio, o objetivo é impor a nossa vontade sobre o inimigo e desarmar esse mesmo inimigo é seu fim. Trata-se de um conflito que envolve necessariamente Estados.

Clausewitz classifica as guerras em reais e absolutas. As primeiras são aquelas que envolvem todo tipo de obstáculo, dificuldade, imprevisto e complexidade que marcam a manifestação histórica, concreta e social desse fenômeno. A violência se manifesta em erupções distintas e separadas. De modo diverso, a guerra absoluta é uma erupção única, extrema e decisiva da violência. Como tal, Clausewitz (1984) a entende como uma fantasia lógica, um fenômeno inexistente. A guerra absoluta é uma referência geral para o fenômeno bélico como um todo. Do ponto de vista da teoria, toda manifestação da guerra deve levar em consideração o tipo absoluto e, quando for o caso, deve ser-lhe aproximado. Clausewitz sugere que a manifestação extrema da violência seria uma espécie de peculiaridade da guerra em face dos outros fenômenos. Seria a

natureza específica da guerra, muito embora jamais se separe da política.⁷

No que concerne ainda aos pontos comuns entre guerra e política, há que se entender que o esforço para a consecução do objetivo político e para a superação da penalidade, do esforço colocado pelo oponente determina a natureza da luta (CLAUSEWITZ, 1984). A ação política e a guerra comportam tal perspectiva. A guerra demandou pioneiramente um esforço no âmbito de toda a sociedade a partir da sua condução por Napoleão Bonaparte e o esforço de seus oponentes teve que ser equiparado. Se uma ação política pode ser empreendida pacificamente com vistas a impor-se perante o oponente, tal será o teor do conflito. Uma perspectiva diversa de conflito demandará outra postura. Neste caso, uma ação política não demanda somente o Estado, mas qualquer outro ator político.

A guerra estaria menos afeita à condição de arte, de ciência ou de teoria. Isso porque na arte não há reciprocidade das ações na perspectiva da contemplação. De modo diverso, isso ocorre na guerra. Mesmo que o oponente se renda sem combate, é como se ele tivesse efetuado o cálculo do que seria se optasse pelo contrário. Portanto, a guerra pertence ao domínio das relações sociais, pois há reação perante a intenção de emprego e o efetivo uso da violência. Além do âmbito das relações sociais, a guerra insere-se mais ainda mais no campo da política. Uma vez que se trata da busca de imposição de uma vontade a outrem, ela pode ser comparada ao comércio em larga escala, diferindo pelo fato de empregar um meio violento. Ainda próximo dessa perspectiva, a guerra pode ser entendida metafórica e analogamente com a execução de uma promissória em espécie daquilo que foi contraído a crédito. Como diferença, ao invés de pagar-se em espécie, paga-se em sangue. Como pertencente ao domínio histórico e social, Clausewitz (1984) recorre à metáfora de que ela é um verdadeiro camaleão que se adapta sutilmente ao caso dado. Em outras palavras, a guerra se adapta às distintas conjunturas históricas. Para concluir com outra metáfora de Clausewitz, a guerra encontra na política as suas formas elementares do mesmo modo que os seres vivos encontram nos embriões as suas feições fundamentais.

3 Gramsci e Clausewitz

Gramsci não foi leitor direto de Clausewitz; seu

conhecimento do general prussiano se deu através de autores que citam o militar prussiano (GRAMSCI, 1975). Segundo Valentino Gerratana (apud GRAMSCI, 1975), não há indícios precisos das obras lidas e consultadas por Gramsci que citam Clausewitz, havendo inclusive a possibilidade de um dos contatos indiretos com a obra do general prussiano ter sido através da obra de Benedetto Croce.⁸ A ideia da direção política da guerra em conformidade com a assertiva clausewitziana lhe é clara (GRAMSCI, 1975).

Todavia, não há indícios mais claros numa primeira avaliação se Gramsci teve contato com as ideias de Clausewitz através de escritos e discursos de Lenin e Trotsky.

O fato relevante é a ampliação do sentido de guerra mais estrito para o sentido de política, uma “tradução” que talvez não remeta somente ao uso de Clausewitz como principal referência para a abordagem da relação da guerra e da política, como será abordado posteriormente. Entende-se “tradução” no sentido gramsciano como a adequação não mecânica de uma categoria a outro contexto cultural, histórico e social (GRAMSCI, 1975).

4 Gramsci e a guerra como política

É possível caracterizar no pensamento de Gramsci a unidade entre as funções técnico-militares e a política. Corroborando esse entendimento sua afirmação de que toda inovação orgânica na estrutura modifica organicamente as relações absolutas e relativas no campo internacional por meio de suas manifestações técnico-militares (GRAMSCI, 1975). Dito de outra forma, as questões bélico-militares estão ligadas às modificações estruturais e políticas ocorridas nas sociedades. Trata-se de ponto em que Gramsci e Clausewitz convergem, embora cheguem a essas conclusões em linhas de raciocínio bem distintas entre si.

Uma tipologia incompleta, não exaustiva, da guerra como metáfora da política na obra carcerária de Gramsci leva às noções de guerra de posição e guerra de movimento. A primeira é característica das democracias modernas, na qual a complexidade da sociedade civil. Por outras palavras, a estrutura produtiva e social complexa constitui, metaforicamente, trincheiras para assalto ao aparelho estatal, a sociedade política. A estrutura das sociedades “ocidentais” tem uma estrutura complexa e resistente às crises, depressões. A

análise gramsciana se insere em contexto mais amplo da discussão da tradução da revolução russa para o Ocidente. Por conseguinte, coloca-se um ponto central na reflexão de Gramsci sobre a natureza da luta política a ser empreendida com tal objetivo. É sugestivo que as relações de força sejam distintas na Rússia e no Ocidente com o objetivo da revolução. Ressalte-se que “Ocidente” e “Oriente”, parte de um todo separável somente metodologicamente por Gramsci, também são metáforas e não se baseiam em critérios geográficos. Eles se referem à complexidade da sociedade civil, na qual a oriental é menos complexa por oposição à ocidental.

Lutar na perspectiva da guerra de posição ou guerra de movimento - par conceitual também inseparável e pertencente a um todo - não é exatamente uma escolha e sim decorrência da análise de forças de um momento histórico. Somente a superioridade de forças de um oponente permite escolher a natureza da luta, se guerra de movimento ou guerra de posição. Conforme Galastri (2011), a avaliação histórica conjuntural de equilíbrio de forças das classes sociais na Europa levou Gramsci a tal avaliação na perspectiva da luta revolucionária.

A perspectiva mais ampla de guerra apresentada por Gramsci, não somente como metáfora da política, mas como guerra no sentido estrito, aparece em outro raciocínio sobre a guerra de posição. Mesmo tratando da guerra de posição como conflito interestatal, a característica do equilíbrio de forças e da complexidade para determinar a superioridade das forças referidas continua como ponto característico. Ela é definida como o avanço da técnica militar no contexto da Primeira Guerra Mundial - armas químicas, avião, submarino -, ponto que inviabiliza um cálculo preciso da potência de um Estado (GRAMSCI, 1975). Esse raciocínio justifica a transformação, também na política, de uma guerra de movimento a uma guerra de posição ou assédio. Em primeiro momento, a avaliação remete justamente ao ponto ressaltado no entendimento da guerra de posição como metáfora da política: um equilíbrio de forças como ponto que caracteriza tal tipo de conflito, uma definição não precisa das forças referidas no caso das classes sociais. No campo internacional, o avanço das forças produtivas incidiu na tecnologia militar e nas suas expressões técnico-militares trazendo o equilíbrio ou imprecisão no cálculo de potência para todos os lados da luta.

Voltando ao tema da guerra de posição como conflito no interior dos Estados e como metáfora da política, a vitória na guerra de posição é definitiva, pois exige uma extraordinária concentração de hegemonia, de coesão interna, mais recursos, intervenção, sacrifícios, espírito inventivo e paciência. Isso porque se trata da vitória depois de um relativo equilíbrio de forças e de destruição de complexa rede reforçada de trincheiras.

5 Conclusão

Foram esboçadas ao longo desse texto as possibilidades de entendimento da guerra no sentido estrito como conflito interestatal violento na acepção clausewitziana e como conflito interestatal violento e metáfora da política no veio gramsciano. Foi abordado que a guerra no sentido gramsciano comporta tanto o sentido estrito de conflito interestatal, mais próximo e relacionável a Clausewitz, como o de metáfora da política, distinto do general prussiano e que mostra uma abordagem particular do comunista sardo no tema em pauta.

Passar-se-á a elencar possibilidades investigativas futuras não abordadas neste artigo.

Uma hipótese a ser considerada para investigação futura é a tradução (no sentido gramsciano) da perspectiva maquiaveliana referente à guerra e à política. Refere-se àquilo que Gramsci (1975) chama de “arte militar” e “arte política”. O que ocorre em uma ocorre em outra para justificar nas sociedades civis complexas a transformação da guerra de movimento em guerra de posição. Uma hipótese a ser investigada sobre a melhor compreensão da relação entre guerra e política especificamente remeteria a uma terminologia comum a Maquiavel sobre tal arte da guerra. Conforme já escrito, não é a abordagem preferencial de Clausewitz entender a guerra como arte. Fica o indicativo de que Maquiavel seja a chave explicativa mais adequada.

Em que pese guerra e política serem inseparáveis na perspectiva clausewitziana, o general prussiano deixou indícios de que se poderia pensar uma essência da guerra na qual ela fosse concebida puramente, somente com a manifestação da violência. Isso aponta para outra hipótese a ser investigada futuramente: a especificidade epistemológica do conceito de guerra clausewitziano que comportaria - em tese - um isolamento da guerra em face da política ●

Notas:

(1) Dois autores discutem a relação entre Gramsci e Clausewitz: Ferreira (1986, 1994) e Coutinho (1987). O primeiro sugere uma validade da definição da guerra para a conceituação da política com vistas à compreensão das ações hegemônicas, mostrando pontos comuns dessas com as ações belicosas. O segundo critica brevemente a primeira interpretação. Em seu entender, trata-se de uma leitura que vê Gramsci como uma variante da ciência da guerra. Isso seria um mal-entendido, uma abstração politológica que prescinde do historicismo absoluto característico da obra do comunista sardo (COUTINHO, 1987).

(2) São usadas nesse trabalho a tradução de Vom Kriege tida como referência nos estudos clausewitzianos, aquela do alemão para o inglês elaborado por Michael Howard e Peter Paret (CLAUSEWITZ, 1984), e a edição crítica dos cadernos carcerários gramscianos organizada por Valentino Gerratana (GRAMSCI, 1975).

(3) O maior representante de tal tradição é o historiador militar britânico Henry Basil Liddell Hart (1991). Outro historiador que integra tal tradição é John Keegan (1995).

(4) Em outro momento foi esboçada a importância de Clausewitz no contexto da obra de Marx e Engels, bem como o forte parentesco intelectual de Lenin com as formulações do general prussiano desde o início do século XX (PASSOS, 2012).

(5) Curiosamente, Gramsci tomou por base para a metáfora da guerra de posição o fenômeno ocorrido a partir do fim da batalha do Marne em 1914 e que perduraria nos frentes orientais e ocidentais até quase o final da Primeira Guerra Mundial. Por outras palavras, foi um equilíbrio de forças em que nenhum dos lados se impôs de modo contundente e que as trincheiras permaneceram praticamente estáveis por longo período (GALASTRI, 2011).

(6) Consultar a respeito: Clausewitz (1982, 1986). Tais referências correspondem a edições nas características mencionadas; a primeira simplesmente contempla somente os cinco primeiros livros, portanto, ignora o sexto, o sétimo e o oitavo livros; a segunda omite os livros cinco, seis e sete, além disso, traz de modo incompleto o livro oito.

(7) Em outro momento foi demonstrado como a lógica da guerra é aquela da política e sua gramática, sua especificidade ou regras próprias concernem à violência (PASSOS, 2005).

(8) Consulte-se o aparato crítico de Valentino Gerratana aos "Quaderni del Carcere" à página 2976 (GRAMSCI, 1975).

Referências

ARON, R. *Paz e guerra entre as nações*. 2. ed. Brasília: UnB, 1986a.

ARON, R. *Pensar a guerra, Clausewitz: a era européia*. Brasília: UnB, 1986b.

ARON, R. *Pensar a guerra, Clausewitz: a era planetária*. Brasília: UnB, 1986c.

CLAUSEWITZ, C. *On war*. London: Penguin, 1982.

CLAUSEWITZ, C. *On war*. Princeton: Princeton University Press, 1984.

CLAUSEWITZ, C. *Da guerra*. Mira-Sintra: Europa-América, 1986.

COUTINHO, C. Liberal vê a obra do comunista. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 25 abr. 1987, Ilustrada, p. 37.

FERREIRA, O. *Os 45 cavaleiros húngaros: uma leitura dos cadernos de Antonio Gramsci*. Brasília: UnB; São Paulo: Hucitec, 1986.

FERREIRA, O. Clausewitz e a política. *Lua Nova*, São Paulo, n. 34, p. 27-34, 1994.

FIORI, G. *A vida de Antonio Gramsci*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GRAMSCI, A. *Quaderni del carcere*. Torino: Einaudi, 1975.

GALASTRI, L. *Revisionismo "latino" e marxismo: de Georges Sorel a Antonio Gramsci*, 2011. 287 f. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

KEEGAN, J. *Uma história da guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LEFEBVRE, H. *Sociologia de Marx*. Rio de Janeiro: Forense, 1968.

LEFEBVRE, H. *O pensamento de Lenine*. Lisboa: Moraes, 1975.

LEFEBVRE, H. Estrutura social: a reprodução das relações sociais. In: MARTINS, J.; FORACCHI, M. (Org.) *Sociologia e sociedade: leituras de introdução à sociologia*. Rio de Janeiro: LTC, 1977. p. 186-212.

LENIN, V. Obras póstumas del general Carl Von Clausewitz acerca de la conducción de la guerra. In: ARICÓ, J.; GÓMEZ, J. T.; SILBERBERG, M. I. (Org.): *Clausewitz en el pensamiento marxista - Lenin, Ancona, Braun, Razin, Stalin, Engelberg, Korfes. Quadernos de Pasado y Presente*, México, v. 75, p. 51-98, 1979.

LIDDELL HART, B. *Strategy*, 2. ed. rev. New York: Meridian, 1991.

NAVILLE, P. Carl von Clausewitz et la théorie de la guerre. In: CLAUSEWITZ, C. *De la guerre*. Paris: Les Editions de Minuit, 1955. p. 19-37.

PASSOS, R. *Clausewitz e a política: uma leitura de Da Guerra*. 2005. 122 f. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

PASSOS, R. Uma leitura sobre Lenin, Clausewitz, a revolução e a guerra. *Outubro*, São Paulo, v. 20, p. 149-169, 2012.

RYBACK, T. *A biblioteca esquecida de Hitler: os livros que moldaram a vida do Führer*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SCHMITT, C. *O conceito do político*. Petrópolis: Vozes, 1992.

TROTSKY, L. *Problemas da guerra civil*. Lisboa: Antídoto, 1977.

*** Professor da Universidade Estadual Paulista de Marília (SP) e Professor Colaborador de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Estadual de Campinas; pesquisador e colíder do Grupo "Marxismo e Pensamento Político" do Centro de Estudos Marxistas da Universidade Estadual de Campinas.**

• Números anteriores das publicações do Curso de Economia - Informe Econômico e Texto de Discussão -, bem como informações sobre o referido Curso, encontram-se no site da UFPI, na página do DECON: www.ufpi.br/economia.

• Os artigos foram revisados, respeitando-se o estilo individual da linguagem literária dos autores, conforme a 5.ª edição do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP, 2009), aprovado pela Academia Brasileira de Letras.

• Esta publicação possui classificação *Qualis*, sistema de avaliação CAPES, nas áreas: Economia, Interdisciplinar, História, Serviço Social, Filosofia, Ciência Política e Relações Internacionais, Ciências Ambientais, Sociologia e Geografia. Mais informações: WebQualis.